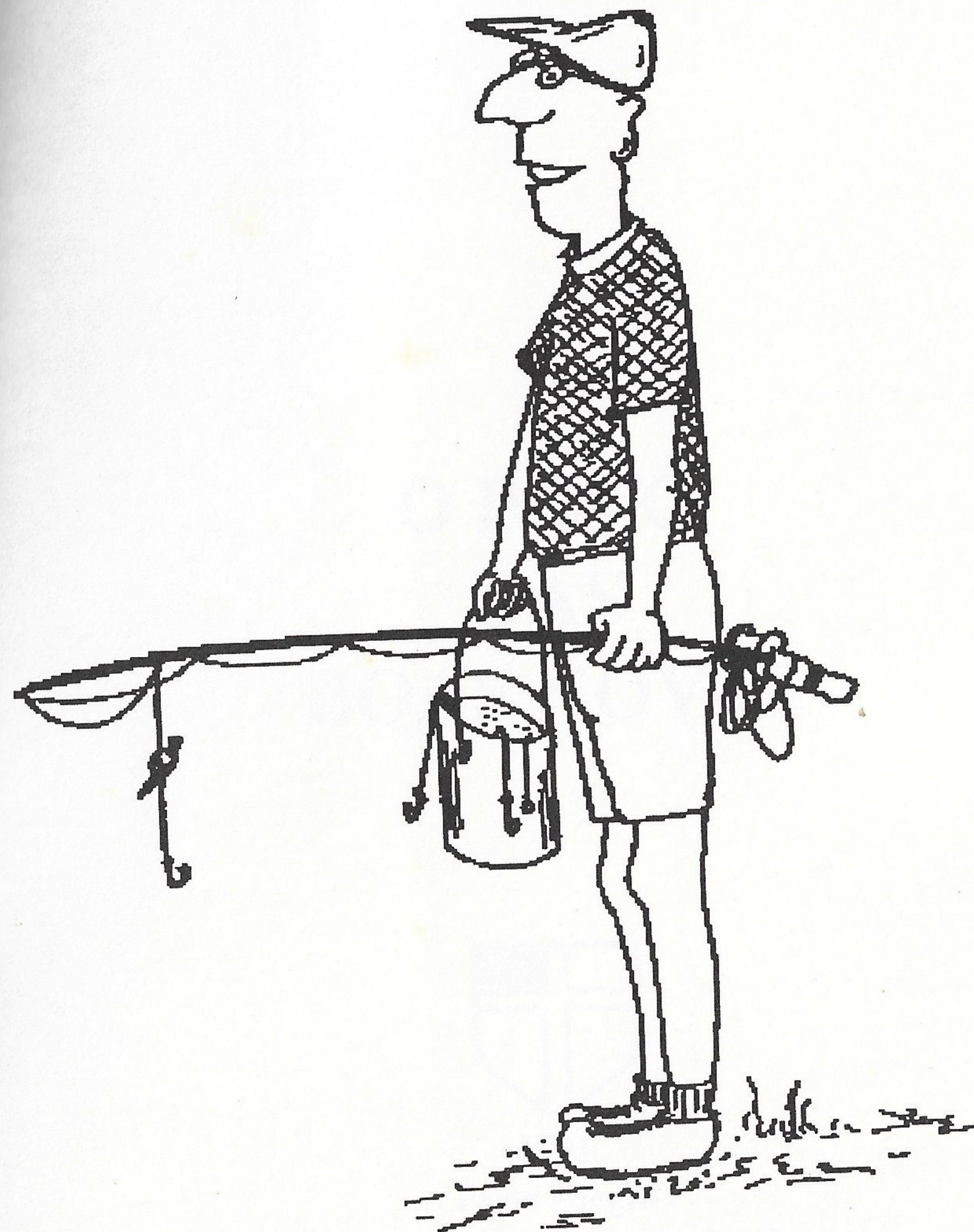


O POVO DAS BOAS NOVAS

Os Evangelizadores

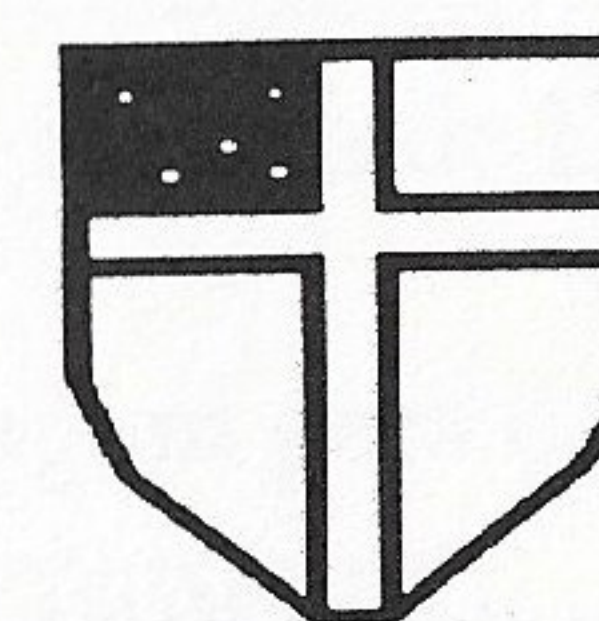


Posso não ter pescado muito, mas alimentei muitos peixinhos...



Michael McCoy

O POVO DAS BOAS NOVAS



1991

Porto Alegre
Departamento de Comunicação
da Secretaria Geral da
Igreja Episcopal Anglicana do Brasil

Dedicado

*Ao Bispo Dinis Sengulane da Diocese de Libombos, pacificador,
pastor e proclamador; e ao Povo das Boas Novas de Moçambique.*

© Michael McCoy

As idéias impressas neste livro são do autor e não são necessariamente endossadas pela Igreja da Província da África Meridional.

Capa

Valdir Charão dos Santos

Ilustração da contracapa

Marília Batanoli Hallberg

Tradução e Revisão dos originais

Carlos Getúlio Hallberg

Revisão das provas

Iara Nunes

Editado pela Secretaria Geral da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, a quem pertencem os direitos de publicação em língua portuguesa, com autorização expressa do autor.

Diagramação e Editoração Eletrônica

Eclesia Processamentos

Impressão

Editora Gráfica Metrópole

Os recursos para a publicação deste livro foram concedidos pelo "Fundo John Gaw Meem", do Bispo Primaz da IEAB.

Porto Alegre - 1991 -RS - Brasil

ÍNDICE

	Prefácio	7
	Revdo. Côn. Jubal Pereira Neves	
	Introdução	9
	Uma palavra de apresentação	
1	Entrando nos anos noventa	13
	O desafio da Década de Evangelização	
2	Dez anos de quê?	19
	Evangelização Examinada	
3	A última palavra	31
	Evangelização na missão de Deus	
4	Trazendo a mensagem para casa	41
	Evangelização na paróquia	
5	Boas novas aqui e agora	53
	Evangelização na África Meridional	
6	O crescimento da fé	61
	Evangelização e desenvolvimento da fé	

6 O POVO DAS BOAS NOVAS

7	As crianças sofrem? _____	7 3
	Evangelização e os jovens	
8	Quem realizará a tarefa? _____	8 5
	Evangelização e o povo de Deus	
9	Anglicanos Evangelizadores _____	9 5
	Evangelização na IPAM	
10	Vivendo as boas novas _____	1 0 7
	Evangelização em ação	
	Apêndice A _____	1 2 3
	Estágios da fé	
	Apêndice B _____	1 3 1
	Diretivas para a Década de Evangelização	
	Apêndice C _____	1 3 3
	Para ajudar a você a começar...	
	Bibliografia _____	1 3 5

Prefácio

“Num mundo em grande parte pensado e formado por adultos, elas (as crianças e a juventude) são as testemunhas cuja presença nós convenientemente ignoramos, até que elas expludam em raiva e frustração”. (Capítulo 7, p.61)

Prefácio da edição brasileira

Temos a honra e a alegria de participar das reuniões do MISAG (Grupo Consultor para Estratégia e Assuntos da Missão) desde 1987, e nesta condição temos contactado com diversos trabalhos em torno do desafio *evangelização*, bem como podemos melhor compreender e participar do processo que neste ano de 1991 está se iniciando em toda a Comunhão Anglicana, a saber, a Década de Evangelização. E podemos afirmar que este livro de Michael McCoy, clérigo anglicano da África do Sul, ex-diretor do Departamento de Missão daquela Província, vem ocupar um lugar de destaque entre as contribuições práticas à Igreja em suas raízes, bem lá onde se desenrola a verdadeira evangelização.

O conteúdo com que você vai se defrontar na leitura de “O Povo das Boas Novas” se enquadra perfeitamente na visão que a Igreja toda hoje compartilha teologicamente, a nível de consenso. A realidade da África do Sul não é, evidentemente, igual a do Brasil.

Entretanto, trata-se de uma situação também de Terceiro Mundo, numa das igrejas mais fortes e vibrantes que eu conheço, no meio de um povo socialmente tão sofrido quanto o nosso. Se lá há 15% de brancos privilegiados, aqui também há 15% de mais ricos numa posição econômica que humilha e segrega o restante da população.

Dentro desta perspectiva, é fácil entender e procurar adaptar os exemplos e situações mencionados no texto por inteiro.

Com certeza, podemos afirmar que o livro traz coragem aos seus leitores, numa linguagem compreensível, que brota da práxis de alguém que vem dedicando sua vida e ministério à Missão, especialmente trabalhando com educação cristã com jovens e crianças.

Evangelização envolve proclamação ("evangelismo") e serviço ("compromisso social"), e corresponde à nossa fidelidade ao Senhor (Jo 20.21). McCoy nos ajuda a mergulhar nessa verdade evangélica que certamente nos libertará de forma cativante, deliciosa séria, simples e profunda. Está nos convidando e empurrando para sermos pescadores de gente. VAMOS LÁ ?!

Agradecemos a Michael McCoy os direitos cedidos para a tradução em nossa língua, e ao Bispo Primaz, D. Olavo Ventura Luiz, a concessão de recursos do Fundo Meem para a tradução e publicação deste trabalho. É este o presente que a Secretaria Geral oferece à Igreja brasileira e latino-americana nos primeiros passos desta caminhada de evangelização.

Agosto de 1991

Rev. Côn. Jubal Pereira Neves
Secretário Geral da IEAB.

Introdução

UMA PALAVRA DE APRESENTAÇÃO

EVANGELIZAÇÃO é uma palavra que traz medo para a maioria dos anglicanos. A idéia de compartilhar a nossa fé com outras pessoas nos dá arrepios.

Wilson Carlisle, fundador do Exército da Igreja, uma organização da Igreja da Inglaterra semelhante ao Exército da Salvação, disse numa certa ocasião: "Os anglicanos são como os rios do Ártico, são gelados na boca".

Mesmo que achemos engraçada a afirmação, temos de reconhecer que ela é verdadeira com relação a muitos anglicanos. E, então, temos um problema. É que a Conferência de Lambeth de 1988 convocou a Comunhão Anglicana a tornar os anos de 1991-2000 na *Década de Evangelização*.

A Igreja da Província da África Meridional (N.T.:Isto é, a Igreja Anglicana na África do Sul, Namíbia, Moçambique, Sta. Helena, Lesotho e Swazilândia) comprometeu-se com a Década numa resolução do Sínodo Provincial de junho de 1989. (N.T.: A Igreja Episcopal Anglicana do Brasil fez o mesmo no sínodo de novembro de 1990.) Mas sabemos muito bem que aprovar uma

resolução não significa que ela vá ser executada. Cada paróquia e diocese deve enfrentar o desafio de tornar-se, e permanecer, uma comunidade do povo das boas novas.

Isto pode parecer uma ordem muito grandiosa. Deste modo, este livro *O Povo das Boas Novas* é oferecido como um apoio para os anglicanos da África do Sul de modo que possam planejar suas ações locais na Década de Evangelização.

Sugestões para discussões reflexão são oferecidas em pontos adequados do texto (marcados em negrito e um tipo diferente de letra) e também no final de cada capítulo junto com as notas sobre recursos. Os leitores podem usá-las ou ignorá-las à vontade. Recursos específicos são oferecidos em três apêndices e há uma lista de leituras no final.

Portanto, a idéia é que este livro possa ser usado tanto para uma leitura individual, ou (talvez até de uma forma melhor) como um curso para estudo em grupo durante a quaresma ou em outra ocasião.

Entretanto, quando este livro estiver sendo usado espero que seus leitores estejam abertos para realizar a evangelização, não somente para ler e discutir sobre ela.

Eu espero também que *O Povo das Boas Novas* ajude a fazer surgir idéias novas e muita oração sobre o nosso chamado para sermos arautos das boas novas.

Acima de tudo, espero que ele dirija as pessoas e as paróquias para uma evangelização prática do melhor tipo, ou seja, aquela que transforma vidas e torna o reino de Deus mais real para um número maior de pessoas na África Meridional.

Agradecimentos

Muito pouco do que eu ofereço neste livro é original. Muitas pessoas tem me ajudado através dos seus escritos, conversas, conferências e grupos de estudo. E, também, aqueles que indicaram onde pesquisar. Alguns deles talvez nem saibam que me ajudaram. Sou profundamente grato a todos.

De uma maneira especial quero agradecer aos seguintes:

- O Arcediago Trevor Pearce e o grupo de leigos e clérigos com os quais me reuni em outubro de 1989 na Cidade do Cabo, cujas discussões sobre o lançamento da Década de Evangelização me levaram a escrever este livro.

- Minha secretária no Departamento de Missão da Igreja da Província da África Meridional, Sra. Lynette Crosbie, pelos con-

selhos incalculáveis nas primeiras fases do trabalho deste livro, e o apoio contínuo na seqüência do trabalho.

- O povo e equipe de direção da Paróquia de Flórida da Diocese de Joanesburgo, liderada então pelo Revdo. Stuart Menigke, que me permitiram testar a maior parte do material durante uma semana de missão em março de 1990.

- Bispo Dinis Sengulane, por compartilhar comigo seu compromisso "infeccioso" com a evangelização (e as histórias) de Moçambique.

- Bispo Jacob Dlamini (de São João), Bispo Michael Nuttall (de Natal), e o Bispo Bruce Evans (de Porto Elizabeth), por terem me convidado carinhosamente para falar em conferências ou escolas de formação para o ministério em suas dioceses, onde partes deste livro tomaram forma.

- Meus colegas na Equipe de Recursos Provinciais da Igreja da Província da África Meridional, cuja criatividade, diversidade e experiência enriqueceram muitíssimo o meu ministério.

A um grupo representativo de pessoas enviei um rascunho do livro para ser comentado. Sou muito grato àqueles que encontraram tempo para responder:

- Sra. Karen Buckenham (membro da equipe, Africa Enterprise, Pietermaritzburg).

- Bispo Peter Lee (Diocese de Cristo Rei).

- Revdo. Wesley Mabuza (Diretor da Divisão de Fé e Missão do Conselho de Igrejas Sul-Africano).

- Sra. Emma Mashinini (de Justiça e Reconciliação da Igreja da Província da África Meridional - daqui em diante sempre citada como IPAM).

- Bispo Geoff Quinlan (Sufragâneo, Diocese da Cidade do Cabo).

- Revdo. Edgar Ruddock (Treinamento de Ministérios, IPAM).

- Bispo Dinis Sengulane (Diocese de Libombos).

O meu bom amigo, Arcediago John Hughes de Pietersburgo, também leu partes do livro durante uma longa viagem de carro que fizemos juntos.

Sou muito grato a todos pelos valiosos comentários, correções e sugestões para a melhoria deste livro. Somente eu sou responsável por falhas que ainda permaneçam nele.

Finalmente, Lorna, John e David mantiveram firmes o amor e compreensão quando ao escrever este livro estive afastado (mentalmente pelo menos) por tempo até demasiado. O seu término é

12 O POVO DAS BOAS NOVAS

uma notícia excelente para eles. Rejubilome que continuemos como uma família nesta jornada para as boas novas, procurando evidências em nossa vida em comum.

Michael McCoy Joanesburgo, 25 de setembro de 1990.

Uma nota sobre citações

Segui o método Harvard quando faço citações de livros ou artigos. É citado o sobrenome do autor, data da publicação e quando for relevante o número da página. Por exemplo, Bosch 1980: 227 refere-se ao livro de David J. Bosch, *Witness to the World*, publicado por Marshall, Morgan & Scott, 1980 página 227.

ENTRANDO NOS ANOS NOVENTA

O desafio da Década de Evangelização

Sigam-me e eu os farei pescadores de gente.
- Jesus de Nazaré (Mateus 4:19)

Imagine que estou sentando diante de você neste momento em que você começa a ler este livro. Recém iniciou a ler esta página, eu me inclino e bato de leve em seu joelho e digo: "Desculpe, mas antes que você realmente inicie a leitura posso fazer uma pergunta"?

E, como você é uma pessoa simpática e sensível, vai levantar os olhos e dizer: "Sim, claro, faça".

"Obrigado", digo, "por favor, diga-me o que você acha e sente com relação à evangelização"?

"Mmmmm", você diz enquanto pensa na resposta. "Eu diria..."

Entretanto, ao contrário de você, estou impaciente, e não deixo você terminar. "Perdoe-me por interrompê-lo", digo, "mas, talvez isso possa dar tempo a que pense um pouco mais. É provável que sua resposta seja diferente de todas as outras".

Mas, talvez ela se enquadre entre uma das seguintes:

- É possível que você apoie entusiasticamente a evangelização, dizendo que ela é a tarefa número um da Igreja. 'Devemos atingir as almas perdidas com o evangelho da salvação', você diz ansiosamente, citando o conhecido hino: 'Das geladas montanhas da Groenlândia':

Em vão com grande simpatia
Os dons de Deus são lançados,
Os pagãos em sua cegueira
Curvam-se diante da madeira e pedra.

Podemos nós, cujas almas são iluminadas
Com a sabedoria do céu,
Podemos nós a homens nas trevas
A luz da vida negar?

English Hymnal, nº 547

- Por outro lado, você pode achar a evangelização irrelevante diante da luta por justiça e libertação. 'As pessoas da África Meridional precisam ser libertadas da opressão, dominação e violência', você pode argumentar, dizendo que o hino acima é um exemplo típico do racismo ocidental. 'A primeira tarefa da Igreja é trabalhar pela libertação em nome do Senhor'.

- Talvez você sinta que evangelização está fora de moda, é uma relíquia da época dos missionários, quando os europeus não tinham dúvida que eram superiores em todos os sentidos àqueles a quem eles vinham converter ao cristianismo. 'Não temos direito de impor nossa cultura e religião em qualquer pessoa', você me diz, com olhos faiscando. 'Cristo é muito maior que o cristianismo, e já está na hora de respeitarmos as outras crenças ao invés de convertê-las'. Para você o hino 547 é arrogante e imperialista.

- Se você se considera um intelectual, pode muito bem perguntar-me o que quero dizer com a palavra 'evangelização'. 'É tudo uma questão de definição', você responde friamente. 'Afim, aquilo que algumas igrejas chamam de evangelização eu considero como 'pesca em aquário' e o que eu chamaria de evangelização, outros diriam que é atividade política'. Para você o hino: 'Das geladas montanhas da Groenlândia' é uma velha peça da história anglicana que não pode ser levada a sério hoje em dia, especialmente agora que a missão deve acontecer nos seis continentes e não somente nas colônias inglesas.

- Naturalmente, você pode não aceitar a pergunta já de saída. 'Não me amole com essa conversa de evangelização', você dirá: 'Como é que vou achar espaço para isso no meio da minha vida já tão cheia de coisas? Sinceramente, tenho prioridades maiores no meu ministério'. Para você o hino 547 fala de um fervor missionário que você não tem tempo para sentir.

- Ou, como um sincero anglicano, você confessa que a própria idéia de se tornar um 'pescador de homens' deixa você apavorado. 'Eu não sei nada de como compartilhar minha fé com uma outra pessoa', você pode dizer, cuidadosamente apalpando aquele fiapo solto num botão da sua camisa. 'Acho que já influenciei algumas pessoas. De qualquer modo a fé é uma coisa muito pessoal, e não algo para ser jogado garganta abaixo de outras pessoas. Isto é coisa que somente batistas, metodistas ou pentecostais desviados é que fazem'. No que lhe diz respeito, o hino 547 deve ter entrado no hinário inglês por engano, certamente não é muito anglicano.

Nesta altura você deve estar sentindo-se um pouco chateado com minhas tentativas de ler seu pensamento. Talvez eu não esteja nem perto do que você realmente pensa. Por isso, antes que você sugira polidamente, mas com firmeza, que eu o deixe em paz, vou dizer: 'Sinto muito, devia ter deixado você continuar a ler, mas, da maneira que vejo, a maioria dos anglicanos da África Meridional responderiam a minha pergunta seguindo uma das linhas que citei, mesmo que você não fizesse como um deles. E isto levanta questões importantes para nós anglicanos se esperamos fazer da Década de Evangelização alguma coisa útil. Talvez, quando seguir a leitura, vai entender porque'.

E, então, quando você estiver pensando seriamente em atirar o livro em mim, eu desapareço. E você poderá sentar-se calmo e ler o que resta deste capítulo...

Enfrentando a evangelização

Se minha conversa imaginária tem qualquer traço de verdade, há várias idéias e sentimentos arraigados bem diferentes sobre evangelização circulando nos meios anglicanos. Vão desde entusiasmo, passam por suspeição, indiferença, e chegam a um temor paralisante.

É por isso que a evangelização tornou-se uma questão complexa. Tem que ver, principalmente, com salvação ou libertação? É uma ocasião para conversão ou para diálogo? É ainda uma opção válida para cristãos nesta época de pluralismo e tolerância? E o assunto torna-se ainda mais complexo pela história e a presença atual da Igreja na África Meridional. Para alguns, evangelização cristã significou o avanço vitorioso do evangelho de luz sobre as trevas do paganismo. Para outros significou a conquista, a tomada e a supressão (muitas vezes violenta) de sua cultura e identidade.

Em algum lugar, ao longo da história, a simplicidade de ser 'pescadores de homens' (no grego original *homens* significa seres humanos) foi perdida.

Como, então, vamos enfrentar a Década de Evangelização que está à nossa frente?

A primeira coisa que devemos fazer é enfrentar a verdade sobre nós anglicanos: a evangelização não é um dos nossos pontos fortes. Como o bispo Roger Herft da Nova Zelândia disse recentemente:

Os anglicanos colocam uma etiqueta em cima de sua fé e que diz: privativa e confidencial. Se há algum mandamento de Cristo que os anglicanos tem guardado com maior alegria, é o conselho dado por ele aos três discípulos: 'Não digam nada a ninguém'. O segredo messiânico é algo que temos guardado muito bem.

Conferência ao Conselho Consultivo Anglicano, Gales, Julho, 1990.

**Se você concorda que os anglicanos não são muito bons em compartilhar sua fé com outros, dê algumas razões por que isso acontece.
Se você não concorda, dê alguns exemplos de anglicanos que realmente compartilham a sua fé.**

Acho que muitas vezes deixamos de ser o povo das boas novas por causa de nossa fraqueza em duas áreas principais.

Uma é que muitos anglicanos não receberam claramente as boas novas de Jesus e o seu reino. Muitos parece que passaram pelos sacramentos mas não foram evangelizados. Vão fielmente à igreja mas não perceberam claramente o seu compromisso com Jesus Cristo como Senhor, nem com a salvação e libertação que Deus lhes oferece através da cruz, nem estão conscientes de que receberam o Espírito de Deus que os fortalece para serem discípulos de Jesus.

A outra fraqueza é a seguinte: temos negligenciado aquele movimento de dentro para fora que leva a igreja ao mundo, do santuário para o mercado público, e que chamamos missão. O resultado é que muitas paróquias anglicanas estão se arrastando em marcha muito lenta. Estão lutando simplesmente para manter suas estruturas, ao invés de mover-se positivamente para frente na busca e no serviço da justiça e paz.

Por que existem tantas paróquias como essas?

Deve haver muitas razões. Sugiro algumas no capítulo 6, que

diz respeito à jornada de fé das pessoas, e cito alguns fatores históricos no capítulo 9. Mas quando os bispos, na Conferência de Lambeth de 1988, pensaram sobre a missão e ministério na Comunhão Anglicana, puseram seu dedo coletivo num importante fator estrutural.

Notaram que nossa Igreja transformou-se principalmente numa igreja pastoral, isto é, sua ênfase está no cuidado e manutenção e não na proclamação e serviço. Mas, disseram os bispos, 'as necessidades prementes do mundo de hoje requerem que haja uma mudança muito forte em direção a uma orientação missionária em todos os pontos da Comunhão' (ACC 1988:32).

Parte desta mudança precisa acontecer na maneira como os clérigos são treinados, de modo que eles possam capacitar o povo de Deus para a missão, e não simplesmente cuidar do pequeno rebanho de fiéis. Mas essa mudança também deve acontecer no pensamento e no trabalho de todo o povo de Deus, de modo que possamos ver nossas paróquias como centros de missão e não como clubes para santos.

A Década de Evangelização nos oferece a chance de começar a fazer essa mudança de modo que a igreja possa ser 'o povo das boas novas'.

Como pode a sua paróquia ou comunidade começar uma forte mudança da orientação pastoral para uma orientação missionária?

Se vamos levar a sério a Década, deveremos nos questionar sobre nós mesmos, nossa igreja, nosso contexto, e mesmo sobre o próprio evangelho. E devemos encontrar algumas respostas, mesmo que elas sejam somente provisórias.

Se não fizermos isso, vamos perder a oportunidade de fazer nossa igreja voltar-se sobre si mesma para olhar o mundo e enfrentar a realidade. Um mundo pelo qual Cristo morreu, e no qual ele espera por nós entre os pobres e perdidos.

A Década de Evangelização talvez possa ser a nossa última oportunidade de preparar a igreja para o desafio de um ministério efetivo, não somente para esta década, mas também para a primeira década do século vinte e um. Como vamos fazer isso é uma das questões que esse livro vai tratar.

Uma década não é um tempo muito grande dentro da longa história humana. A segunda epístola de S. Pedro nos recorda que

18 O POVO DAS BOAS NOVAS

mesmo mil anos não são nada diante de Deus (II Pe 3:8). Mas na vida de uma pessoa, de uma paróquia, de uma comunidade, de uma nação, dez anos podem ser tempo para uma imensa mudança, um tempo quando as oportunidades para mudar o curso da história podem ser agarradas ou perdidas.

A Década de Evangelização é um chamado ao povo de Deus para ser fiel. É, na verdade, um chamado a mudar a face da Igreja, não só por dez anos, mas por muito tempo no decorrer do século vinte e um. É um chamado a um novo sentido de serviço e de sofrimento, a um novo tipo de discipulado e de testemunho.

A Década está diante de nós. Assim também o desafio de Nosso Senhor Jesus Cristo para segui-lo para dentro do mundo nos anos noventa, e além deles.

RECURSOS

A história da conferência de Lambeth de 1988 do bispo Michael Marshall (Marshall 1988) é também uma boa história da comunhão Anglicana nestes últimos anos.

Uma coleção recente de ensaios escritos aqui (Paterson & England 1989) é importante para entender a IPAM hoje. Sobre o lugar da missão no treinamento do clero, veja Bosch 1982, McCoy 1989 e Padilla 1986.

DEZ ANOS DE QUÊ?

Evangelização Examinada

Esta conferência, reconhecendo que a evangelização é a tarefa principal dada à Igreja, pede a cada província e Diocese da comunhão Anglicana, em cooperação com os outros cristãos, a fazer dos anos finais deste milênio uma 'Década de Evangelização' com uma ênfase renovada e unida em tornar o CRISTO conhecido ao povo do seu mundo.

- Resolução 43 da Conferência de Lambeth de 1988.

Os bispos em Lambeth chamaram-nos para uma Década de Evangelização. Mas o que significa 'evangelização'? Para o que estamos nós sendo chamados?

Deve haver inúmeros meios pelos quais os cristãos podem expressar sua fé e assim testemunhar o amor e a justiça de Deus. O testemunho cristão pode ser público e privado, dentro e fora dos edifícios da igreja, expressos em palavras e atos, pessoalmente e por escrito, por indivíduos, grupos e grandes multidões, por cuidado silencioso, por celebração vibrante e por justas reivindicações.

Mas qual deles pode ser corretamente chamado de 'evangelização'? Cada atividade, sem dúvida, tem pessoas que afirmam que aquilo que estão fazendo é evangelização. Alguns podem até crer que somente o que eles estão fazendo é evangelização 'verdadeira'.

Então, como podemos descobrir a diferença? Acontece evangeli-

zação somente quando o evangelho é proclamado verbalmente e as pessoas são chamadas a arrepender-se e crer de modo a que sejam salvas? Ou pode um ato de misericórdia ou nosso trabalho por justiça, - mesmo quando não esclarecido ou proclamado como um ato cristão, - ser propriamente chamado de 'evangelização'?

Olhe a lista seguinte e marque cada uma das atividades ou situações que você acha que é um exemplo de evangelização.

Um pregador de Bíblia na mão numa esquina.
Dois jovens americanos bem vestidos em sua porta, tentando convencê-lo sobre o seu tipo de religião.
Um evangelista visitante que reúne milhares em sua pregação.
Um programa de televisão com Billy Graham num estádio de futebol.
Uma missão na praia para crianças.
Uma visitação paroquial de porta em porta.
Um ofício de ação de graças pela libertação de prisioneiros políticos.
Uma procissão de domingo de Ramos pelas ruas da cidade.
Uma entrevista com pais afastados da igreja desejando batizar seu filho.
Um sorriso simpático para pessoas entrando na igreja.
O funeral de um ativista de direitos humanos assassinado.
As calmas palavras de um capelão de hospital para um doente às portas da morte.
Um ofício eucarístico altamente elaborado numa catedral.
As devoções vespertinas num acampamento de jovens.
Canções natalinas pelo alto-falante de um supermercado.
Um ofício de bênção da saúde na paróquia.
Uma cópia do folheto 'As quatro leis espirituais' (um folheto evangelístico) deixada na sala de espera de um dentista.
Um grupo de estudo bíblico reunido num apartamento.
Um bate-papo durante o cafezinho com um amigo com problemas.
Um teólogo dialogando com um imame maometano.
Um hospital de missionários nas montanhas do Lesotho.
Uma sopa para pobres servida numa paróquia na cidade.
Um funcionário da igreja levando alimento e roupas para refugiados.

Um jovem cristão defendendo diante do juiz sua posição antimilitarista.

Uma marcha pela paz e justiça liderada pelos líderes da igreja.

Cantar *Nkose Sikelel' j Afrika* ('Deus salve a África', hino nacionalista com forte apelo contra a segregação), num protesto político público.

Pense e discuta que tipo de evangelização fica caracterizado pelos itens marcados, e por que você não marcou outros?

Algumas definições anglicanas

Não são poucas as definições de evangelização. Somente no anglicanismo várias fórmulas são usadas amplamente. A maioria estão baseadas numa ou noutra de duas bem conhecidas definições.

Uma Comissão da Igreja da Inglaterra sugeriu em 1918 que evangelizar é apresentar Jesus Cristo no poder do Espírito Santo de modo que os homens coloquem sua confiança em Deus por meio dele, aceitem-no como seu Salvador, e sirvam-no como seu rei na comunidade de sua Igreja.

(Citado por Watson 1976:25).

Esta declaração tem prestado um bom serviço para nós por muitos anos. Mas tem duas grandes fraquezas:

- Limita o nosso discipulado de servir a Cristo para ser realizado somente na Igreja, e não diz nada sobre o serviço no mundo.

- Torna o *resultado* da evangelização parte da definição. Desse modo se as pessoas não 'puserem sua confiança em Deus por meio de Cristo' ou não 'aceitarem-no como seu Salvador' logo após a nossa apresentação, não podemos dizer que estivemos fazendo evangelização.

Estes dois problemas aparecem na outra fonte principal para a compreensão da evangelização pelos anglicanos: a longa citação encontrada na Declaração de Lausanne de 1974.

Evangelizar é espalhar as Boas Novas de que Jesus Cristo morreu por nossos pecados e ressucitou dos mortos de acordo com as Escrituras, e como o Senhor que governa agora ele oferece perdão de pecados e o dom liber-

tador de Espírito para todos os que se arrependem e crerem. Nossa presença cristã no mundo é indispensável para evangelizar, do mesmo modo que aquele tipo de diálogo cujo propósito é ouvir com sensibilidade a fim de compreender. *Mas evangelização em si mesmo é a proclamação do Cristo histórico e Bíblico como Senhor e Salvador, com vistas a persuadir as pessoas a aproximarem-se dele pessoalmente e serem reconciliadas com Deus.* Ao fazer o convite do evangelho não temos liberdade de esconder o custo do discipulado. Jesus ainda diz a todos aqueles que querem segui-lo, a negar-se a si mesmos, tomarem a sua cruz, e identificarem-se com sua nova comunidade. *Os resultados da evangelização incluem obediência a Cristo, ser membro de sua Igreja, e realizar serviço responsável no mundo.* (Itálicos meus) (Declaração de Lausanne 1974:4)

No primeiro trecho em itálico, evangelização é realizada 'com vistas a persuadir'. De modo que se acontecer de as pessoas não serem persuadidas, ainda assim teremos feito o trabalho de evangelização, isto é, proclamar o Cristo. Na segunda passagem destacada, o serviço de Deus no mundo está entre um dos resultados da evangelização.

O Conselho Consultivo Anglicano, reunido na Nigéria em 1984, ao discutir a missão e o ministério da igreja, preferiu aquelas partes da definição de Lausanne impressas acima em itálicos, ao invés da definição de 1918. Mas acrescentou que evangelização reconcilia-nos não somente com Deus, mas também *uns aos outros e a toda a criação* (ACC 1984:49).

Aqui mesmo na África, o cônego Douglas Webster ofereceu uma definição muito mais simples no Congresso sobre Missão e Evangelização, reunido em Durban em 1973:

Evangelização é a proclamação do evangelho, particularmente para aqueles que não ouviram o evangelho, ou não o entenderam, ou que não responderam a ele, ou que o esqueceram. (Webster 1974:89)

EVANGELIZAÇÃO AO ESTILO DO NOVO TESTAMENTO

Voltemos à nossa fonte principal para a compreensão da evangelização: o Novo Testamento.

Leia algumas ou todas as passagens indicadas abaixo, e veja se você pode entender por si mesmo o que poderia vir a ser evangelização.

João 1. 19-27 - João anuncia a vinda do Messias
 Marcos 1.14-15 - Jesus proclama as Boas Novas
 Lucas 4.16 - 21 - Ungidos para levar as Boas Novas
 Lucas 9.1-6 - Jesus envia os doze
 João 4.39-42 - O testemunho da mulher no poço
 Lucas 23.39-43 - Um criminoso pede misericórdia
 Mateus 28.16-20 - Jesus comissiona seus discípulos
 João 20.19-23 - 'Assim como o Pai me enviou...'
 Atos 2.37-41 - O resultado do sermão de Pedro
 Atos 3.1-10 - 'Não tenho nem ouro nem prata...'
 Atos 8. 26-40 - Felipe e o eunuco
 Atos 17.22-34 - Paulo em Atenas
 I Coríntios 9.15-23 - 'Ai de mim,...'
 II Coríntios 4.5-17 - Tesouros em vasos de barro
 II Coríntios 5.16-21 - Embaixadores da Reconciliação
 II Timóteo 1.8-12 - Sofrendo por causa do evangelho
 Tiago 2.14-18 - Fé versus obras
 I Pedro 2.9-12 - Vidas honestas levam outros a glorificarem a Deus
 I João 1.1-4 - 'O que temos visto e ouvido...'

Que tipo de evangelização você vê surgir a partir destas passagens? Há outros textos que você lembra?

Talvez, olhando essas passagens, você tenha notado algo significativo. O prof. James Dunn, estudioso do Novo Testamento, resumiu tudo nas seguintes frases:

Jesus proclamou o reino, os primeiros cristãos proclamaram a Jesus; Jesus clamou por arrependimento e fé a respeito do reino, os primeiros cristãos clamaram por fé em Jesus; Jesus afirmou o oferecimento do perdão e aceitação de Deus, os primeiros cristãos afirmaram um oferecimento semelhante mas pela mediação de Jesus.

(Dunn 1977:31)

Isto levanta uma questão importante: qual é o foco das boas novas? É Jesus ou é o reino de Deus? As definições de evangelização que olhamos antes fazem pouca ou nenhuma menção do reino, no entanto, ele era, para Jesus, o centro das boas novas que ele proclamava.

Esta questão - que são boas novas? - veremos de novo no capítulo 10. Por ora, quero sugerir que várias 'marcas' das boas novas surgem a partir da leitura do Novo Testamento.

1. *As boas novas são pessoais*

Jesus e seus seguidores não levaram as boas novas em termos vagos e impessoais. A mensagem e o ministério de Jesus eram boas novas para *pessoas*. E, por isso, nos evangelhos encontramos as boas novas tornando-se reais nas vidas das pessoas como a filha de Jairo, Bartimeu, um grupo de leprosos, um homem paralítico, Maria Madalena, Zaqueu, Lázaro, etc.

Assim, as boas novas eram pessoais, não no sentido de que tinham a ver somente com indivíduos, mas no sentido de que as boas novas tocavam as pessoas em sua vida normal.

As boas novas eram sempre pessoais, também, no sentido de que focalizavam-se numa pessoa: Jesus. Quem ele era, o que fazia, o que ensinava, o que significava. Não era nenhuma religião de segredos ou mágicas misteriosas, encarava diretamente a face pessoal e humana de Deus revelada em Cristo.

As boas novas eram pessoais num outro sentido: elas vinham diretamente da experiência pessoal dos primeiros cristãos. Eles podiam falar da pessoa chamada Jesus a quem eles tinham encontrado, e que tivera um impacto profundo neles. 'Proclamamos a vocês o que temos visto e ouvido...' (I Jo 1.3). Isto foi o que tornou as boas novas tão poderosas.

Em tudo isso as boas novas requerem àqueles que as ouviram uma resposta pessoal. As boas novas não somente tocavam as pessoas, elas as desafiavam a aceitá-las ou rejeitá-las.

2. *As boas novas são práticas*

Jesus não anunciou meramente as boas novas, ele *era* as boas novas numa maneira prática e tangível. Nele o Reino de Deus não somente era proclamado, mas vinha ao povo e tocava o povo. Trouxe cura para a filha de Jairo, vista a Bartimeu, liberdade e restauração aos leprosos, perdão e cura ao homem paralítico, um novo modo de vida para Maria Madalena, dignidade para Zaqueu, vida a Lázaro.

Através da cura de doentes, perdão aos pecadores, expulsão dos demônios e restauração da dignidade aos fracos, Jesus levou as boas novas do reino de Deus para a vida das pessoas.

Os primeiros cristãos seguiram o exemplo de Jesus: *viveram*

as boas novas acerca de Jesus. Não era algo a que eles pudessem ligar-se ou desligar-se, elas estavam envolvidas em tudo que eles faziam. As boas novas eram uma parte prática de suas vidas. E os resultados eram vistos em coisas práticas: pessoas eram curadas, perdoadas, reconciliadas, fortalecidas, desafiadas, mudadas.

Quando as pessoas passavam a ter fé em Cristo por meio da evangelização da igreja primitiva, eram ensinadas a viver as boas novas da mesma maneira. Pessoas não eram simplesmente convertidas: eram discipuladas, tornavam-se seguidoras de Jesus. Tornavam-se parte das boas novas também.

3. *As boas novas são específicas*

A mensagem das boas novas falava a situações específicas. Não eram abstratas, não tinham uma fórmula vaga que pudesse ser usada em qualquer lugar e a qualquer hora. As boas novas tinham algo de vital para dizer a um contexto particular, a expectativas e necessidades específicas.

Deste modo a mensagem de Jesus do reino de Deus falava fortemente a pessoas que aguardavam pela intervenção de Deus na vida da Palestina ocupada. A mensagem de perdão dos primeiros discípulos através da cruz fazia sentido àqueles que ansiavam por verdadeira comunhão com Deus e um fim ao peso da culpa e à guarda da Lei.

E a proclamação de Jesus como Senhor, feita por Paulo aos gentios, iluminava como um farol no nevoeiro de deuses (incluindo aí o próprio César) que lutavam pela conquista de pessoas. Esta proclamação oferecia-lhes a esperança de uma redenção pessoal através da cruz de Jesus.

As boas novas proclamadas pela igreja primitiva serviam a cada contexto em que eram proclamadas, porque tinham algo particular para dizer a cada situação. Isto fez com que elas fossem relevantes para todos.

4. *As boas novas são políticas*

Jesus anunciou as boas novas de que o reino de Deus estava próximo. 'Reino' é uma palavra política. Tem a ver com governo e, autoridades e alianças. Assim quando Jesus anunciou o reino de Deus, ele estava pedindo para as pessoas abandonarem as suas alianças atuais, fossem elas quais fossem, e aceitarem o governo de Deus sobre os assuntos humanos. O chamado ao arrependimento significava uma mudança de direção, não somente para

afastar-se de pecados pessoais, mas também para afastar-se de falsos deuses e governadores corruptos e seus sistemas de poder injusto.

Uma afirmação amplamente aceita é a que está expressa na declaração do Conselho Mundial de Igrejas, *Missão e Evangelização: uma declaração ecumênica*:

No Antigo Testamento o povo de Israel estava aguardando o dia da paz onde a justiça de Deus iria vencer (Isaías 11.1-9). Jesus veio cumprindo esta tradição, anunciando que o reino de Deus estava próximo (Marcos 1.15), que nele a realidade do reino estava presente (Lucas 4.15-21). Deus estava oferecendo esta nova justiça às crianças, aos pobres, a todos os que trabalham e têm cargas pesadas, a todos os que se arrependem e seguem a Jesus. (WCC 1982a:2)

Os primeiros cristãos viram as implicações 'políticas' das boas novas desde o início. Conscientemente formaram uma comunidade nova e diferente: o 'novo Israel', uma nova ordem social que contrastava muito com a que a rodeava (Atos 4.32-35). E quando foram desafiados para procurar trazer outros para esta comunidade não hesitaram em dizer que o Senhor exigia seu comprometimento total e exclusivo (Atos 5.29s).

Deste modo as boas novas eram políticas, não no sentido restrito da palavra usada comumente hoje, mas no sentido de que elas faziam exigências aos compromissos públicos das pessoas e dos quais elas não podiam escapar. Quando escolhiam seguir a Jesus, também escolhiam ser cidadãos de um outro reino e servos de um Senhor diferente. E sabiam que esta nova aliança poderia, e iria, trazer conflito, sofrimento e, para alguns, o testemunho pelo sangue, o martírio. Isto também tornou poderosas as boas novas.

5. As boas novas são proclamadas

Finalmente, as boas novas eram transmitidas às pessoas por meio de 'contar' aos outros. A palavra do Novo Testamento *evangelizomai*, traduzida por evangelizar, significa 'anunciar ou proclamar boas novas'. Era *notícia*, uma mensagem que valia a pena compartilhar com outros; e assim era proclamada em todas as ocasiões possíveis. Jesus mesmo, disse a seus discípulos que ele deveria ser conhecido por todas as pessoas (Mateus 10.27-33).

Quando algumas pessoas ficavam surpresas por algum sinal

prático do amor de Deus, por exemplo, uma cura, um exorcismo, a qualidade de vida da comunidade cristã, a fonte disso tudo era explicada, de modo que não tivessem dúvidas acerca do Nome que estava sendo glorificado.

A única exceção que o Novo Testamento parece indicar é quando a proclamação tornou-se muito difícil, como aconteceu nas comunidades cristãs da Ásia Menor, pequenas, isoladas e perseguidas. Elas testemunharam por sua coragem e alegria no sofrimento. Este foi seu testemunho silencioso à glória de Deus (I Pedro 2.9-12).

No entanto, em sua situação perigosa, deviam estar 'prontas a qualquer momento a responder a qualquer um que pedisse explicação sobre a esperança que há dentro de vocês' (I Pedro 3.15).

E esta esperança estava na salvação oferecida pela cruz de Cristo. Esta salvação é pessoal, social e cósmica. É o *shalom* de Deus, o reino da totalidade, da paz, da restauração, da cura e da justiça. Emilio Castro assim se expressa:

Proclamação é uma dimensão central da Igreja; a palavra de Deus precisa ser compartilhada através das palavras da igreja. A história de Jesus Cristo é a história da aliança de Deus com o povo de Israel, precisa ser contada e recontada sempre de novo. Mas a igreja não só anuncia o plano de salvação de Deus; é também chamada a uma ação importante. Como uma comunidade social, a igreja deve agir na história.

(Castro 1985: 91)

Evangelização hoje

Se estes cinco sinais são verdadeiros ao que o Novo Testamento descreve, então podem servir como indicações para discernir em nosso próprio tempo o que podemos chamar propriamente de *evangelização*.

Se um ato de testemunho cristão proclama o Senhorio de Cristo para pessoas particulares em seu próprio contexto, com resultados práticos e concretos, tanto para os ouvintes, como para os proclamadores das boas novas, se de algum modo mostra as implicações públicas e políticas do discipulado, e se torna claras as exigências pessoais de Cristo nos ouvintes, então é provável que seja o estilo de evangelização do Novo Testamento.

Se o elemento *pessoal* não estiver aí, então a parte maior da evangelização, que é convidar pessoas a seguir a Jesus, está faltando. Se as dimensões *práticas* e *específicas* estão faltando, então

a mensagem possivelmente será abstrata e irrelevante, e assim não serão boas novas para ninguém em particular. Se a dimensão *política* estiver faltando, então o evangelho será boas novas somente num nível privado, e dirá muito pouco para os reinos deste mundo que pervertem a justiça e oprimem o fraco. E se a *proclamação* estiver ausente, então um aspecto importante da palavra evangelizar, 'proclamar boas novas', terá sido abandonado.

A partir da minha experiência com as pessoas e as paróquias da IPAM, eu diria que poucos de nós conseguem realizar o tipo de evangelização equilibrado que o Novo Testamento revela, evangelização que é a boa nova pessoal, prática, específica, política e proclamada.

Talvez isto seja somente um ideal. E, talvez, não possamos assegurar que cada faceta esteja presente todo o tempo. Mas se esperamos fazer da Década de Evangelização algo que tenha impacto nas pessoas e na sociedade a nossa volta, então devemos procurar aquele tipo de evangelização integral ao proclamar as boas novas. Nossa própria integridade será testada nesta tarefa.

Mais adiante neste livro (capítulo 6) questionaremos de novo porque tantas pessoas e paróquias acham difícil de expressar as boas novas. Mas acho que é também porque não temos uma idéia clara de qual é a nossa *missão* como povo de Deus. E, por isso, no próximo capítulo vamos abordar esta questão importante.

Você pode encontrar exemplos no Novo Testamento de boa nova pessoal, específica, particular, política e proclamada?

Usando este cinco 'sinais' (ou outros de escolha sua) examine a vida de sua paróquia ou comunidade (sua liturgia, grupos familiares, organizações da Igreja, etc) e avalie quanto do que é feito é de fato evangelístico. E o que dizer de sua própria vida?

PERGUNTAS PARA MAIOR DISCUSSÃO OU REFLEXÃO

1. Compare a sua própria compreensão de evangelização com as definições dadas neste capítulo. Quais são as semelhanças e diferenças?

2. O que um discipulado prático significa para nós, na África Meridional, e para você em sua situação local?

3. Como você descreveria para outras pessoas quão difícil é o discipulado quando falasse de seguir a Jesus para elas?

4. O que é, para você, o conteúdo das boas novas?

RECURSOS

A um nível popular, muitos livros descrevem a evangelização de diferentes perspectivas. Aqui estão algumas (detalhes completos na lista de leituras):

Coffey, Ian 1986. *Ele diz para irmos*.

Green, Michael 1979. *Evangelização - então e agora*.

Pippert, Rebecca 1979. *Saindo do saleiro*.

Simmons, Mark 1990. *Você pode compartilhar sua fé*.

Tidball, Derek 1985. *Usando a Bíblia na Evangelização*.

Watson, David 1976. *Eu creio na evangelização*.

Muitos tem sido ajudados pelo manual do Bispo Jacob Dlamini, *Evangelização pessoal* (IPAM).

O curso de treinamento em vídeo, *Pessoa a pessoa*, criado por várias organizações na Inglaterra, é bom para paróquias onde o inglês é facilmente entendido. Pode ser comprado na Scripture Union, Cidade do Cabo, ou pode se conseguir uma cópia através do Departamento de Missão da IPAM em Joanesburgo.

Para um aprofundamento maior, acho que os seguintes podem ajudar:

WCC, 1982a. *Missão e evangelização: uma declaração ecumênica*.

Green, Michael 1984 [1970]. *Evangelização na Igreja Primitiva*.

Johnson, Ben Campbell 1987. *Repensando evangelização: Uma visão Teológica*.

Stuttgart, 1987. *Consulta sobre evangelização*.

Webster, Douglas, 1974. *O que é evangelização?*, in Cassidy 1974:87-100

A Grove Books, em Nottingham, publicou uma série de folhetos sobre evangelização escritos de uma perspectiva anglicana evangélica. Um novo folheto é lançado a cada quadrimestre. Podem ser conseguidos diretamente da editora: Groove Books Ltd. Brancote Nottingham NG9 3DS, England.